



AHORA

ANÁLISE, CURADORIA E OPINIÃO DE VALOR

Fim de semana,
15 e 16 junho 2024
Ano 21 - Nº 3588
R\$ 5,00 (dia útil)
R\$ 9,00 (fim de semana)
grupoahora.net.br

MARCOS RUSCHEL



CIDADES EM NOVO LUGAR

Roca Sales e Muçum buscam novas áreas para realocar o centro e bairros após recorrência das cheias

Autoridades municipais discutem alternativas para oferecer segurança aos moradores do Vale do Taquari. Entre os projetos em andamento na região alta, em cidades como Roca Sales e Muçum, está o Recupera Muçum, que vai ao encontro de estudo feito em Roca Sales,

para realizar mudanças geográficas e garantir a sobrevivência dos municípios. Sem projetos de realocação, Encantado também iniciou um estudo para verificar a possibilidade de implementar um muro de contenção nas margens do Taquari. **CADERNO | REGIÃO ALTA**



OPINIÃO

RODRIGO MARTINI

Antes tarde do que mais tarde



OPINIÃO

FABIANO CONTE

O público e o privado

ISENÇÃO DO ICMS

Estado admite falha e prepara correção

Brecha nos decretos para isenção de imposto gera dúvidas e risco para judicialização. Secretaria Estadual da Fazenda promete normativa para garantir que indústrias, distribuidoras e revendas de veículos tenham segurança sobre compras fora do RS.

PÁGINA | 8

RECOMEÇO PÓS-CHEIAS

Ao menos 30 empresas deixam Centro Histórico

CNPJs atingidos pelas enchentes se dividem entre manter o ponto comercial e recomeçar em novo endereço. Conforme pesquisa da CDL Lajeado, 30 das 68 empresas associadas atingidas pelas águas migraram para áreas mais altas da cidade.

PÁGINAS | 6 e 7

COMPRE SEU INGRESSO E FAÇA PARTE DESSA CAUSA

23 DE JUNHO • 15 HORAS • COMPLEXO UNIVATES (CAMPO)

INGRESSO SOLIDÁRIO

valor mínimo **R\$50,00**
CRIANÇAS ATÉ 10 ANOS: ENTRADA GRATUITA

Realização: Rotary Lajeado | ALE - Associação Lajeado de Esportes

A renda será convertida em doações para atingidos pela enchente

Compre pelo QR Code ou se preferir contribua via PIX CNPJ:
92.892.868/0001-61
Rotary Lajeado

Comprar no comércio local também é reconstruir o RS.

Vamos juntos!

Opiniãoanálise



rodrigomartini@grupoahora.net.br
RODRIGO MARTINI



Mais monitoramento do rio: *antes tarde do que mais tarde*

O susto de 2020 e a tragédia de 2023 não foram suficientes, é fato. Desta vez, e diante da maior enchente já registrada em nossa história – sobre isso, aliás, sugiro ler a matéria de hoje nas páginas 14 e 15 da edição impressa deste fim de semana –, os governos municipais, estadual e federal parece que enfim compreenderam a real importância de não enfrentar os fenômenos climáticos quase às cegas. No Vale do Taquari, por exemplo, as comunidades de Estrela e Lajeado serão contempladas com novas e modernas ferramentas de monitoramento do Rio Taquari e afluentes. Uma medida essencial para, de novo, não enfrentar as enchentes sem um mínimo de informação confiável. Além disso, o governo estrelense projeta a contratação de um meteorologista para atuar no gabinete da Defesa Civil. Uma ação necessária em âmbito regional, inclusive.



43 mortos. E 24 desaparecidos

Não podemos esquecer. Apesar das recentes celebrações por importantes conquistas neste momento de reconstrução, a tragédia segue muito viva dentro da comunidade do Vale do Taquari. Além dos 43 mortos já confirmados pelo Instituto Geral de Perícias (IGP), ainda há 24 pessoas desaparecidas após um mês e duas semanas do pico da maior enchente da nossa história. É um cenário de horror.

O Estado precisa de aeroportos. E o Vale tem espaço (e interesse)

O fechamento temporário do Aeroporto Internacional Salgado Filho, em Porto Alegre, abriu oportunidades para outras regiões do Rio Grande do Sul. Passo Fundo, Caxias do Sul, Canela, Torres e Canoas são algumas cidades que perceberam a necessidade de maior segurança e garantias à logística aérea gaúcha e já projetam investimentos – e busca por recursos – em suas respectivas localidades. Muito além da chegada e saída dos aviões, a movimentação de passageiros e cargas gera incremento de renda e tributos às cidades, e reposiciona os municípios na vitrine do mercado. E nunca é demais lembrar que o Vale do Taquari tem no DNA a aviação, e possui áreas interessantes para a construção de aeroportos ou aeródromos privados ou públicos. Aliás, há quem diga, inclusive, que uma nova estrutura internacional para pouso e decolagem de aeronaves deva ser construída em uma área mais distante da capital gaúcha. Mas isso é assunto para outro momento.

Cíntia reassume o Codevat no dia 25

O Conselho de Desenvolvimento do Vale do Taquari (Codevat) convocou assembleia extraordinária para o dia 25 de junho, às 16h30min. No encontro agendado para o auditório do prédio 11 da Univates, a ex-presidente Cíntia Agostini deverá ser reconduzida ao cargo máximo da entidade. Além disso, os membros devem alterar o estatuto e criar uma comissão setorial para tratar de logística e formas de mitigar os efeitos das enchentes na bacia Taquari/Antas.



TIRO CURTO



- **Em tempo.** O governo de Lajeado injetou R\$ 715 mil no entorno da Ponte de Ferro, entre serviços de horas-máquina, madeira e iluminação pública.
- **Correção.** Nesta semana citei o nome do vereador de Encantado, Roberto Salton, mas errei o partido. Ele pertence ao quadro do PL, e não mais do PDT.
- **A CIC/VT realizou levantamento dos impactos da enchente e aponta prejuízos de mais de R\$ 300 milhões à região.** A pesquisa, iniciada em 10 de maio com recorte em 11 de junho, foi conduzida a nível estadual pelo governo do Estado e Sebrae, e identificou que 1.452 empresas de todos os portes foram afetadas. Dessas, quase 30% ainda não retornou com as operações.
- **A empresa Fontana S/A, com sede em Encantado, já iniciou o armazenamento de produtos junto ao novo Centro de Distribuição, em Teutônia.** Mas não se preocupem. Apesar da novidade, a direção garante a permanência da produção na região alta do Vale do Taquari.
- **O PP de Forquetinha definiu que Viane Noll (ex-secretário de Planejamento) e Ines Feil (vereadora) serão os candidatos a prefeito e vice na eleição deste ano.** E ambos terão apoio do PSDB.

O “abacaxi” é de todos!

A câmara de Lajeado criou e aprovou um projeto de lei que isenta de IPTU os imóveis atingidos pela enchente. Sem muitos critérios específicos, a medida visa um número ainda incalculado de imóveis e pode beneficiar, inclusive, o próprio chefe do Executivo, Marcelo Caumo (PP). Diante de eventuais incongruências, e da ausência de estudos de impacto financeiro aos cofres públicos, a impressão é de que a importante matéria nasceu inconclusa. Waldir Blau (MDB), por exemplo, afirmou em outras palavras que estava repassando uma “batata-quente” ao gestor do município. “Quero largar esse abacaxi na mão do prefeito”, disse em plenário. Um erro crasso de comunicação em tempos de catástrofe. Ora, não é hora de “lacrar”. É hora de assumir responsabilidades de forma verdadeiramente coletiva. Jogar para a torcida uma medida construída às pressas e sem critérios específicos aos reais necessitados é um caminho arriscado. E se livrar explicitamente do “abacaxi” é ainda pior. Por fim, eu escrevo isso com a certeza de que não só o vereador Blau, mas outros tantos parlamentares, possuem condições de contribuir de forma muito mais assertiva para o atendimento da população mais carente. É hora de berrar menos e construir mais. Especialmente diante de eventuais “lapsos” da administração municipal, e de todo o ineditismo desta trágica situação.

Abreu assume em Estrela. Körner muda em Teutônia

As mudanças no secretariado das principais cidades do Vale do Taquari persiste. Em Estrela, e após o pedido de exoneração do Comandante César (PL), Marcelo Abreu assume a Secretaria de Administração e Segurança Pública. Já em Teutônia, Juliano Körner (PDT) deixa a chefia da Secretaria de Saúde e assume como chefe de gabinete do prefeito Celso Forneck (PDT). Servidora efetiva desde 2010, Fernanda Sanders assume o comando da pasta.



APÓS CHEIAS

CNPJs se dividem entre migrar e manter pontos

Conforme levantamento da CDL Lajeado, pelo menos 30 empresas atingidas no Centro Histórico decidiram mudar de endereço

Thiago Maurique
thiagomaurique@grupoahora.net.br

LAJEADO

Empresários atingidos pelas águas do rio Taquari, no Centro Histórico de Lajeado, se dividem entre reabrir no mesmo ponto comercial ou migrar para outras áreas. Levantamento da CDL Lajeado mostra que, dos 68 associados da entidade afetados, 38 manifestaram a intenção de continuar no mesmo lugar, enquanto outras 30 providenciaram mudança de endereço.

Apesar de contabilizar prejuízos com as cheias, tanto os empresários que se mantiveram nas áreas alcançadas pelas águas quanto os que optaram por buscar novas opções estão otimistas com a recuperação dos negócios. Entre os CNPJs que decidiram trocar de localização, estão marcas como Bazar São Paulo, Arruda & Munhoz e Lancete Máquinas, todas com mais de duas décadas no Centro Histórico.

Casal de empresários, Ana Lucia Franz Azambuja e Leandro Ribeiro de Souza decidiram abandonar uma das esquinas



A história que construímos por 23 anos foi destruída em questão de horas. O espaço físico mudou, mas a garra, a gana e a certeza que vai dar certo, continua.”

LEANDRO RIBEIRO DE SOUZA
SÓCIO DO BAZAR SÃO PAULO

outrora mais valorizadas do comércio de Lajeado – entre as ruas Júlio de Castilhos e Júlio May. Após 23 anos no Centro Histórico, eles começaram o Bazar e Flora São Paulo na própria casa, no bairro São Cristóvão.

De acordo com Souza, a enchente de maio resultou em prejuízo estimado em mais de R\$ 600 mil – entre mobiliário e produtos de decoração, eletrônicos, brinquedos, artigos místicos e religiosos. “A enchente de setembro chegou perto, mas não entrou na loja. Dessa vez, o primeiro andar ficou submerso e, no segundo, a água entrou 50 centímetros.”

No dia 1º de maio, o casal conseguiu retirar parte dos

produtos com ajuda de amigos e parentes após acompanhar as notícias e ouvir os alertas na Rádio A Hora. A entrada da loja foi um dos pontos onde a Defesa Civil realizou medições do nível das águas. “No outro dia, quando passamos na loja, as vitrines estavam quebradas e ainda tinha água dentro. A história que construímos por 23 anos foi destruída em questão de horas.”

Ao perceber o tamanho dos danos, o casal decidiu sair. A mudança foi a oportunidade para cumprir o antigo objetivo de dedicar parte do tempo a trabalhos terapêuticos. “Instalados em casa, conseguimos atuar com o bazar e as terapias, algo que não conseguíamos com a loja no Centro.”

Logo nos primeiros dias no novo endereço, os empresários perceberam que a decisão foi acertada. Segundo eles, a loja ficou mais próxima dos clientes e o espaço, ainda improvisado, oferece um ambiente mais acolhedor. “As pessoas se sentem mais em casa. O espaço físico mudou, mas a garra, a gana e a certeza que vai dar certo, continua.”

Presidente da CDL Lajeado, Giselda Hahn afirma que o comércio da cidade tende a se diluir e criar novos centros nos bairros. “Estávamos muito concentrados com o Centro na Júlio de Castilhos, na Bento, Benjamin e Pasqualini.”

Segundo ela, a mudança de característica do varejo



Arruda & Munhoz abriu as portas em nova sede uma semana após ser atingida pelas enchentes no Centro Histórico

acompanha a tendência nas grandes cidades. Entre as vantagens desse movimento, cita a consolidação de bairros mistos, com área comercial e residencial em um mesmo espaço.

“A enchente nos tirou da zona de conforto”

Outra empresa tradicional que saiu do centro histórico para o São Cristóvão foi a Imobiliária Arruda & Munhoz. Antes



Estávamos muito concentrados com o Centro na Júlio de Castilhos, a Bento, Benjamin e a Pasqualini. A descentralização segue tendência dos grandes centros.”

GISELDA HAHN
PRESIDENTE DA CDL LAJEADO

localizada na rua Santos Filho, em 28 anos de história, a imobiliária havia sido atingida somente na enchente de setembro de 2023. De acordo com o diretor, Marco Aurélio Munhoz, na ocasião, os danos foram menores e a empresa se manteve no endereço.

“No ano passado, a água entrou 40 centímetros no primeiro andar. Dessa vez, foram 40 centímetros no segundo andar”, lembra. As perdas incluíram móveis, computadores, servidor, câmeras de segurança, entre outros itens, com prejuízo estimado entre R\$ 250 mil e R\$ 300 mil.

“Após sermos impactados dessa maneira, o que poderíamos fazer? Como estamos vivos, vamos trabalhar”, afirma. Logo após as enchentes, a empresa funcionou em uma sala emprestada na imobiliária Marcelo Munhoz, pertencente ao irmão de Marco Aurélio. Uma semana depois, foi tomada a decisão de recomeçar no bairro São Cristóvão, em uma sala próximo ao trevo da Univates, na avenida Alberto Pasqualini.

Três semanas após a mudança, o diretor afirma que, apesar de ainda estarem sem divisórias e com móveis emprestados,



Fortemente atingida pelas águas, loja Prioridade 10 reabriu no mesmo ponto comercial 38 dias depois da tragédia climática



Conforme levantamento da CDL Lajeado, das 68 empresas atingidas no Centro Histórico, 30 decidiram mudar de endereço



FOTOS THIAGO MAURIQUE

Após 23 anos no Centro Histórico, Ana Azambuja e Leandro Souza recomeçaram os negócios na própria casa, no bairro São Cristóvão

novo endereço trouxe uma série de vantagens ao negócio. “É uma loja muito iluminada, com logística mais fácil e estacionamento amplo. Nossos funcionários estão mais felizes.” Conforme o diretor, a procura dos clientes está grande e a expectativa para o negócio é positiva. “Os clientes e proprietários adoraram o espaço, porque ficou mais perto das pessoas, além de ampliar o movimento do bairro”, aponta. Segundo ele, a enchente tirou a imobiliária da zona de conforto e inspirou a criação de uma nova identidade visual para marcar os 29 anos de empresa.

Motivação para continuar crescendo

Com 35 anos de história na comercialização de máquinas e acessórios para costura, a Lantece deixou ponto comercial na Avenida Benjamin Constant após ser atingida pela primeira vez pelas águas do Taquari. Gerida pelos irmãos Genaro e Amadeu Schnorr, a empresa transferiu as atividades para o bairro Americano, logo após a tragédia climática que assolou o Estado. De acordo com Genaro Schnorr, em um primeiro momento não havia expectativa de chegada da água no prédio onde a empresa funcionava, mas ao acompanhar as notícias



Os clientes e proprietários adoraram o espaço, porque ficou mais perto das pessoas, além de ampliar o movimento do bairro.”

MARCELO MUNHOZ
DIRETOR DA ARRUDA E MUNHOZ

se percebeu a necessidade de recolher os produtos. “Contratamos um caminhão baú para retirar as máquinas novas e colocamos as miudezas no mezanino, que é bem alto. Estávamos dentro da loja quando o rio invadiu o imóvel.” Com 70 centímetros de altura, a água inutilizou milhares de itens, entre ferramentas, móveis, agulhas e máquinas usadas. A decisão de mudar o ponto se deu pela necessidade de restabelecer o negócio o mais rápido possível. “São produtos que não podem receber umidade e levava pelo menos 60 dias até o prédio ser pintado.” Segundo ele, as empresas que decidirem se manter no centro histórico precisam estar cientes dos riscos. Quanto ao novo endereço, ressalta melhorias em estacionamento e segurança, além de ser mais iluminado, arejado e ficar perto das residências dos sócios. “A nova loja nos dá motivação para continuar crescendo.”

Retomada com precaução

Localizada ao lado do STR Lajeado, na rua Bento Gonçalves, a loja Prioridade 10 reabriu as portas no mesmo local após 38 dias fechada devido a enchente. A empresa teve prejuízo estimado em R\$ 1 milhão, mas não planeja deixar o ponto comercial. Sócia do empreendimento, Giseli Brutscher Bachiski estava em Santa Catarina quando recebeu as notícias sobre a enchente. “Quando soube que iria acontecer, organizamos para levantar os produtos do depósito e depois tiramos o que conseguimos com caminhão. Por fim, mobilizamos várias pessoas para colocar o restante no mezanino da loja.” Apesar das medidas para reduzir os prejuízos, a água

superou em 15 centímetros a altura do mezanino, inutilizando produtos, computadores e móveis. Após o ocorrido, a empresa decidiu manter as atividades no mesmo ponto. “Não queremos sair de Lajeado porque é uma cidade ótima para o negócio e fomos muito bem recebidos. Além disso, não achamos nenhum ponto tão bom como o que estamos.” O trabalho de recuperação do espaço contou com parceria do proprietário do imóvel, dos fornecedores e do STR Lajeado – local para onde o depósito foi transferido. “Desde a enchente, não tivemos mais folgas. Tínhamos que recomeçar o mais rápido possível para pagar as contas e manter o emprego dos nossos dez funcionários.” Conforme Giseli, a certeza do acerto na decisão ocorreu na sexta-feira, 7 de junho,

data da reabertura do espaço. “Reinauguramos com grande sucesso e ótima receptividade dos clientes, que nos pediram pelas redes para voltarmos.” Segundo ela, a empresa adotou planos de contenção e evacuação para minimizar os prejuízos em caso de novas cheias. Também torce para que o poder público adote meios para reduzir o alcance das águas. “Ainda temos medo, mas Lajeado é muito forte e a recuperação será rápida, graças à resiliência das pessoas. Vamos lutar, trabalhar e seguir”

Futuro do Centro Histórico

Apesar da migração das empresas que foram atingidas pelas enchentes, o Executivo de Lajeado acredita que o Centro Histórico continuará sendo fundamental para o comércio da cidade. Em entrevista na Rádio A Hora, o prefeito Marcelo Caumo descartou mudanças no plano diretor e reforçou o posicionamento de manter a Prefeitura na área alagável. Segundo ele, haverá um tratamento diferenciado entre as áreas ribeirinhas, onde a formação de correnteza destruiu imóveis, e os locais que foram inundados, mas sem correnteza. A tendência é que as regiões ribeirinhas sejam espaços de parque. “Vamos fazer um estudo para saber como esses locais podem ser utilizados de forma a reduzir o volume e a velocidade das águas, de forma a minimizar os impactos nas demais áreas.” Conforme o prefeito, a recuperação de Lajeado se dará de forma célere, uma vez que apenas 15% do território foi atingido. Caumo afirma que a manutenção das atividades da prefeitura no mesmo local, assim como os colégios Madre Bárbara, CEAT e a Igreja Matriz, simbolizam a continuidade da relevância do Centro Histórico.



Sócios da Lancete Máquinas contabilizam vantagens da mudança da empresa para o bairro Americano

EM DEBATE

Proposta para dragagem de rios divide opiniões

Instituto de pesquisas da UFRGS condiciona eficácia da retirada de materiais do leito do rio após grandes inundações. Grupo alerta que medida pode contribuir desde que embasada em estudos técnicos

Filipe Faleiro
filipe@grupoahora.net.br

ESTADO

O projeto apresentado na Assembleia Legislativa, pelo deputado Guilherme Pasin (PP), pretende criar uma política estadual de desassoreamento de grandes rios. O texto inicial insere medidas como recomposição da mata ciliar e formas de aproveitar os materiais retirados.

Na prática, a proposta pretende dividir com Estado, municípios e iniciativa privada os trabalhos para limpeza dos leitos de mananciais onde aconteceram as inundações dos últimos oito meses.

Conforme o parlamentar, a apresentação da matéria tem como objetivo ampliar o debate acerca dos investimentos para dragagem dos rios. Para ele, há espaço para melhorar o texto.

Pasin pretende chamar grupos de cientistas, ambientalistas e pesquisadores das universidades para analisar o projeto e fazer

ajustes e ampliações. O projeto está em fase de análise nas comissões parlamentares.

Risco de desperdício de dinheiro

Professor da Universidade Federal do RS (UFRGS), integrante do Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH), e doutor em Hidrologia, Walter Collischonn ressalta a importância de estudos técnicos antes da retirada de materiais dos leitos dos grandes rios, como na bacia Taquari\Antas, Jacuí e Guaíba.

Pelo alto custo dos serviços, esclarece que, se feito de maneira inapropriada, não cumpre a

função de garantir mais vazão dos mananciais hídricos, o que representa desperdício de dinheiro.

“Não somos contra a dragagem. Mas entendemos que para ser uma das soluções, é preciso conhecer como a inundação interferiu no leito do rio. Dizer que o desassoreamento é inquestionável não é verdade”, ressalta.

De acordo com o pesquisador, o tamanho da inundação de maio causa dois fenômenos nos rios: erosão e assoreamento (acúmulo de material no fundo). Com o primeiro, a margem aumenta de tamanho e pontos onde havia represamentos no leito são levados pela força da água. “Os dois efeitos são

diferentes. Na erosão, é possível que tenha mudanças, com aumento de profundidade. Ou seja, o próprio rio pode fazer o desassoreamento.”

Os locais com acúmulo, explica, costumam ficar onde a correnteza perde velocidade.

Preocupação econômica

Antes de qualquer intervenção, Collischonn destaca a necessidade da batimetria (uso de sonar para mapear os trechos inundados e identificar onde há acúmulo de materiais) e a simulação de hidrodinâmica (modelo capaz de verificar a retirada de cargas do



WALTER
COLLISCHONN
DOUTOR EM HIDROLOGIA

Não somos contra a dragagem. Mas entendemos que para ser uma das soluções, é preciso conhecer como a inundação interferiu no leito do rio. Dizer que o desassoreamento é inquestionável não é verdade.”

leito e o impacto no nível da água em cidades próximas).

“Vamos dizer que a retirada de dois metros de detrito em Bom Retiro diminui o rio em dois metros em Estrela. Neste caso, o desassoreamento é muito positivo. Agora, se o mesmo tiver impacto de 20 centímetros, será que o custo compensa?”, questiona.

Para ele, essas são as perguntas que a sociedade deve responder. No Porto de Rio Grande, o desassoreamento para a hidrovia custou R\$ 500 milhões. “Nossa preocupação é econômica. Precisamos reconstruir pontes, estradas, casas. Será que o desassoreamento deveria ser uma prioridade agora?”, questiona.

Na visão de Collischonn, antes de destinar recursos para medidas estruturantes (construções de diques, barragens, dragagem e outras obras de infraestrutura) é preciso uma atuação de base, nas chamadas medidas não-estruturantes (planos diretos com regras mais claras sobre áreas de inundação, programas de ensino e conscientização, zoneamento de riscos, além de melhorias nos sistemas de previsão, monitoramento e alarmes).



Inundações provocam erosão e assoreamento. Pesquisador adverte que dragagem em rios de grande porte precisa de laudo técnico antes da execução

Aquecedores externos

Mais charme e conforto para seus ambientes.

Ideal para ambientes abertos como em RESTAURANTES, HOTÉIS, Pousadas, CHÁCRAS, E SÍTIOS



Aquecedor externo Heater PH -Plus - 3600 Pirâmide

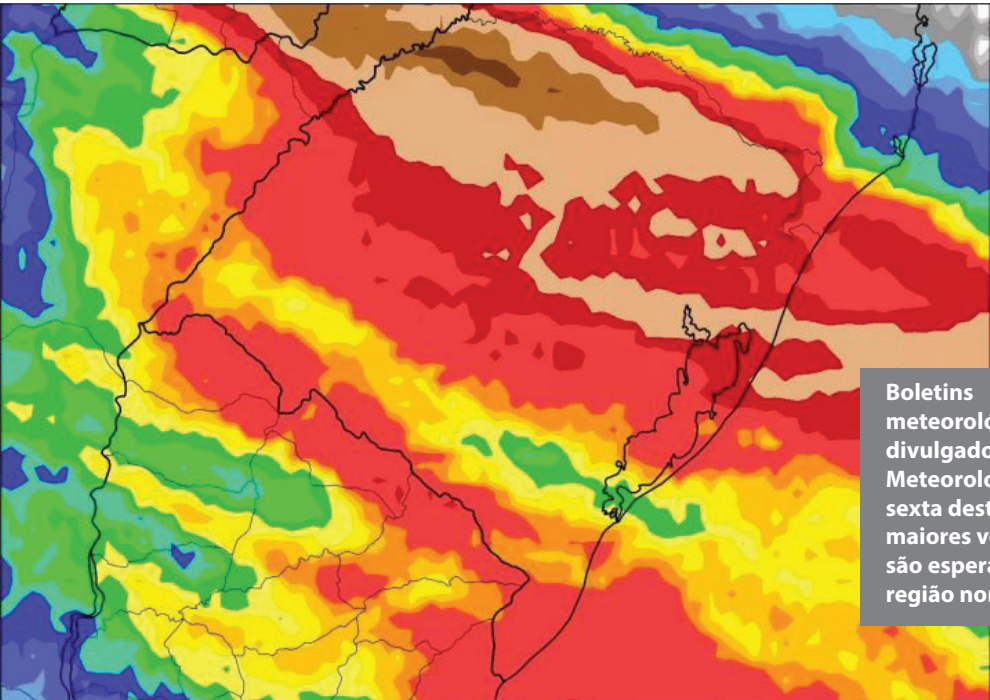


Aquecedor externo Heater com chapéu



PREVISÃO DO TEMPO

Chuva de 150 milímetros em quatro dias deixa Vale em alerta



Boletins meteorológicos divulgados pela MetSul Meteorologia nessa sexta destacam que os maiores volumes no RS são esperados para a região noroeste

ESTADO

Defesa Civil do RS não descarta transbordamento de arroios e córregos. Alerta atual exclui o Rio Taquari, mas municípios monitoram situação

Um corredor de umidade traz condição de chuva a partir deste sábado, 15. Institutos

projetam instabilidades mais fortes de forma isolada. Estão previstos dois picos com maiores volumes, um no domingo, 16, onde a precipitação média esperada é de 50 milímetros. Já no início da próxima semana, uma frente fria provoca mais chuva. Para quarta-feira, 19, estão projetados pelo menos 40 milímetros.

Essa condição de enxurradas pode provocar o transbordamento de pequenos córregos, arroios e também o alagamento de áreas com sistema de drenagem comprometido pelos episódios recentes. Segundo o meteorologista Daniel Caetano, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), não é esperado um cenário igual ao de maio.

“Os volumes mais intensos serão isolados, diferente da outra vez. Não temos nada que indique situação extrema. O solo segue encharcado e locais onde o rio não voltou ao leito normal podem sim trazer transtornos”, alerta Caetano.

Boletins meteorológicos divulgados pela MetSul Meteorologia nessa sexta - feira, 14, destacam que os maiores volumes no RS são esperados para a região noroeste, que compreende a bacia hidrográfica do Rio Uruguai. Nessas áreas, os acumulados em quatro dias podem passar dos 200 milímetros. Para a área do Vale do Taquari, a projeção é de 100 a 150 milímetros.

Medidas antecipadas

O governo de Lajeado acompanha e monitora os alertas da Defesa Civil Estadual e do governo do Estado. As previsões são ainda preliminares, visto que a precisão dos dados aumenta na medida em que o fenômeno se aproxima, mas o município já se coloca em situação de alerta para eventuais necessidades.

Na reunião do secretariado dessa sexta-feira, foram definidas medidas de alerta para que o município possa fazer os atendimentos necessários. A preocupação é alertar a comunidade sobre a necessidade de atenção a esta previsão de chuva. Neste momento, o maior risco é o de alagamentos, já que a cidade ainda está com o solo encharcado e muitos locais ainda não foram totalmente limpos.

Investir no amanhã é uma tarefa para hoje.

SEU TERRENO ESTÁ AQUI.



Acesse nosso site ou converse com nosso Plantão de Vendas (51) 99622 8113.

